

Oficina – Os agentes do Ano Missionário

Texto base: Documento 100 – Cap. 5 Sujeitos e tarefas da conversão paroquial (n. 192-241).

O Concílio Vaticano II evidenciou a distinção entre o sacerdócio comum dos fiéis, proveniente do Batismo e o sacerdócio ministerial proveniente da Ordem. Na renovação paroquial todos estão envolvidos. O fortalecimento das comunidades supõe a **multiplicação de ministérios e serviços** dos discípulos missionários. Os sujeitos e as tarefas da conversão pastoral dependem de um **encontro pessoal** com Jesus Cristo.

A renovação paroquial depende de um renovado amor à pastoral que se exerce e todos os sujeitos da conversão pastoral hão de comprometer-se a ser presença evangelizadora nas periferias existenciais superando a mentalidade do medo que impede a missão.

Os bispos

Serão os primeiros a fomentar a conversão pastoral das paróquias. O Papa Francisco estimula os bispos a serem pastores próximos das pessoas. “Procuramos que o nosso trabalho e o de nossos presbíteros sejam mais pastorais que administrativos?” (JMJ 2013).

Os presbíteros

Todo presbítero é chamado a ser padre-pastor. Há, contudo, uma sobrecarga de múltiplas tarefas assumidas, especialmente pelos párocos. O excesso de atividades pastorais é um sinal preocupante: pode prejudicar o equilíbrio pessoal do padre. Em algumas comunidades, encontram-se presbíteros desencantados, cansados. Eles precisam ser ajudados!

A conversão pastoral da paróquia depende muito da postura do presbítero na comunidade. No ativismo, pode ser que não se dedique ao estudo e não se prepare melhor para escutar e entender os anseios dos que o procuram. A missão do pároco requer uma vivência mais comunitária, garantindo a continuidade da ação evangelizadora, evitando personalismos e isolamentos em relação a diocese.

A paróquia há de fazer a diferença no atendimento começando pelo padre “que o padre seja autêntico discípulo de Jesus Cristo, porque só um sacerdote apaixonado pelo Senhor pode renovar uma paróquia” (DAp, n. 201).

O padre deve ser formado para ser servidor do seu povo; capaz de acolher bem as pessoas e exercer sua paternidade espiritual. Por isso, é fundamental cuidar da formação permanente e da formação nos seminários.

Os diáconos permanentes

O Documento de Aparecida sugere que os diáconos permanentes acompanhem “a formação de novas comunidades eclesiais, especialmente nas fronteiras geográficas e culturais, aonde ordinariamente não chega a ação evangelizadora da Igreja” (DAp n. 205). Também a eles pode ser confiada uma comunidade não territorial, como o atendimento a dependentes químicos, a universidades ou a hospitais, por exemplo.

Os consagrados

Os religiosos, os membros de Institutos Seculares, são chamados a participar ativamente da renovação paroquial. Reconhece-se o importante papel dos consagrados e consagradas que desenvolvem seu apostolado nas paróquias comprometidos diretamente com a ação pastoral, de acordo com seus carismas.

O apostolado dos consagrados e consagradas, entretanto, apesar do seu caráter específico e carismático, implica referência e comunhão com a diocese e seu plano pastoral. As paróquias confiadas a congregações ou ordens religiosas fazem parte da Igreja local. É necessário que as famílias religiosas, que receberam este serviço, se sintam e atuem em plena comunhão pastoral com a Igreja Particular, evitando toda ação paralela.

Os leigos

A missão dos leigos deriva do Batismo e da confirmação: “A sua ação dentro das comunidades eclesiais é tão necessária que, sem ela, o próprio apostolado dos padres não pode conseguir, na maior parte das vezes, todo o seu efeito” (AA n. 10).

Para que os leigos possam superar o clericalismo e crescer em suas responsabilidades, é preciso fomentar a sua participação nas comunidades eclesiais, nos grupos bíblicos, nos conselhos pastorais e de administração paroquial.

Para que possam assumir sua corresponsabilidade no trabalho pastoral é urgente desencadear um processo integral de formação especialmente da Doutrina Social da Igreja. Alerta o Papa Francisco: “O pároco clericaliza, o leigo lhe pede, por favor, que o clericalize, porque, no fundo lhe resulta mais cômodo. O fenômeno do clericalismo explica, em grande parte, a falta de maturidade e liberdade cristã em parte do laicato da América Latina” (Mensagens e Homilias JMJ 2013).

Leigos e leigas devem crescer na consciência de vocacionados a “ser Igreja” e precisam dispor de espaço para atuarem na comunidade, assumindo sua participação na construção da comunidade de comunidades. Dentre os sujeitos da conversão pastoral, merecem destaque as famílias, as mulheres, os jovens e os idosos.

Comunidades Eclesiais de Base

São um instrumento que permite ao povo chegar a um conhecimento maior da Palavra de Deus, ao compromisso social em nome do Evangelho, ao surgimento de novos serviços leigos e à educação da fé dos adultos. (DAP. 178).

É preciso que elas não percam o contato com a realidade da paróquia local, mantendo-se em comunhão com seu bispo e inserindo-se no projeto da pastoral diocesana.

Movimentos e associações de fiéis

A Igreja do Brasil conhece uma multiplicidade de novas experiências que enriquecem a eclesialidade. Em muitas paróquias, conta-se com a presença de movimentos que se envolvem na pastoral paroquial. Integrá-los é uma missão para tornar a paróquia mais rica em serviços, ministérios e testemunho.

O grande desafio consiste na vivência da comunhão e na pastoral de conjunto da diocese. Os movimentos e associações de fiéis, por terem organização supradiocesana, muitas vezes, recebem orientações independentes da diocese, e não raras vezes surgem desconfortos nas suas relações com as paróquias. A tarefa consiste em encontrar caminhos de diálogo, renúncias e opções que possibilitem a comunhão.

“Movimentos e associações não podem colocar-se no mesmo plano das comunidades paroquiais como possíveis alternativas. Ao contrário, têm o dever de serviço na paróquia e na Igreja particular.” (CELAM, 2000. p. 33). De outra parte a paróquia não tem direito de excluir ou negar a existência de movimentos e associações que expressam a multiforme graça de Deus com seus dons e carismas entre os leigos.

Comunidades ambientais e transterritoriais

Verifica-se a existência de comunidades formadas por grupos de moradores de rua, universitários, empresários entre outros. Os hospitais também constituem uma verdadeira comunidade a serviço da vida (enfermos, profissionais da saúde, funcionários). É preciso pensar e planejar a ação evangelizadora nesses ambientes, integrando-os à paróquia.

As escolas também podem ser comunidades dentro das paróquias. As universidades são um grande areópago na busca do diálogo entre fé e razão. É preciso entrar em contato e promover o crescimento desses grupos como comunidades cristãs capazes de evangelizar diferentes ambientes.

Conclusão

A paróquia é fundamental para a missão evangelizadora, porém insuficiente ao se considerarem outras realidades eclesiais. A complexidade da realidade atual requer meios de evangelização e recursos que não se limitam à paróquia.

Para refletir e partilhar

- 1) Quais os principais desafios encontrados em nossas paróquias e comunidades quanto aos agentes do Ano Missionário?
- 2) Quais as outras realidades eclesiais que se apresentam em nossas paróquias e comunidades?

Urgências e sugestões

Diante dos desafios apresentados pelo texto quanto aos agentes do Ano Missionário elencar **quatro urgências ou sugestões** iluminados pelas quatro imagens de Igreja que se apresentam nas diretrizes do Ano Missionário (Serviço, Diálogo, Anúncio e Testemunho de comunhão).